



Nº PROGRAMMA

M



Ora aqui me teem outra vez.

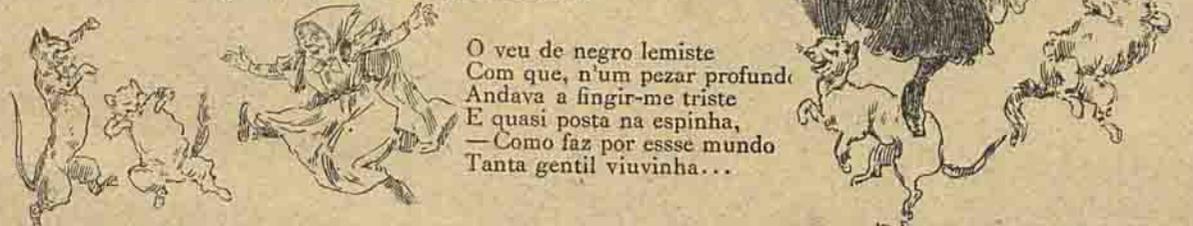
Sou a *Maria*, a viuva do *Antonio*, aquelle que ha trez mezes deitou nariz comprido, envieçou os olhos e morreu embisoirado e triste como o sr. Hintze Ribeiro ou como o homem da laranja da China.



Pobre *Antonio*! Eu bem me cancei de lhe aconselhar que deixasse correr o marfim e fosse rindo de tudo e de todos, porque o contrario seria o mesmo que querer indreitar as pernas aos cães...

Mas elle tinha aquelle maldito vicio de *indreitar* as casquetado no miolo—e lá o levou para a cova, sem indreitar cousa nenhuma...

Agora, que já vão passados os trez mezes de luto rigoroso—porque eu, na minha qualidade de accionista dos Recreios, não devo pagar senão meio preço ao tributo da saudade—agora, já posso atirar para as costas



Tristezas não pagam dividas, e estou portanto resolvida a fazer hoje sósinha o que, durante uma lua de mel de seis annos e meio, fiz na companhia do meu rico



*Antoninho*: rir, rir sem descanso, de bocca escancarada até mostrar o cavername, de todos os mil grotescos que por ahí fervilham como formigas n'um assucarciro.

R. 16

*Pontos nos ii* é a minha divisa; mas *pontos nos ii* como eu os entendo, isto é, admiração ingenua pelos poderes constituídos e estupefacção capital pela pessoa



do sr. Fontes, que tem dado tanto lustro ao paiz como o engraxador da travessa da Assumpção costuma dar nas palhetas dos freguezes!

Aquelle idiota do meu marido, que Deus haja, não pensava senão em patriotismos, ao ponto de me parecer ás vezes que tinha mettido em casa o Lobo da *Patriota*, ou a D. Filippa de Vilhena armando os filhos cavalleiros!

Ora isto de patriotismo vae n'uma tal *degringolade*,



como se diz na terra de *mr. Paulus*, (não confundir com o Paulos de Belem) que eu resolvi não mostrar o meu patriotismo se não no dia em que o *Povinho* tiver outra vez nas unhas a *pedreneira* da *Maria da Fonte*...

D'aquí até lá vou passar a vida a rir; e tão arreigada me creio n'este proposito que, se alguma vez sentir en-crespar-se-me o sobrolho, corto o mal pela raiz, chamando o barbeiro da esquina para me rapar as sobran-celhas á navalha...



E' n'estas galhofeiras disposições que hoje me vêem «na presença do publico illustrado» a quem peço venia para patentear—em doses o mais homoeopaticas possi-vel—todos os patuscos acontecimentos de que tomei nota no canhenho do meu ANTONIO, desde o dia em que elle foi chamado a baixo.

E, sem mais,



MARIA.

Uma sua criada.

## CHRONICA

### OS CRIMES

Vamos a desabafar!

Durante os trez mezes e uns posinhos em que esti-vemos encasulados, entre os nossos dois gatos, ficis com-



panheiros de alegrias e pesares, por um triz não suc-cumbimos á nostalgia da troça, assistindo de braços cru-sados ao desfilar de tantos nossos conhecidos velhos, de tantos acontecimentos extravagantes, como o d'a-quelle Soriano que queria fazer ás bochechas d'um guarda da alfandega o mesmo que nós fazemos aos pas-tellinhos de marisco;

a Maria Eugenia, que tomou os conselhos de Ha-mlet á Ophelia, indo encaixar-se n'um convento;

a mulher que enguliu o nariz do marido como quem engole uma pilula suissa;

o mano que fez a mana em cabidella, n'um tachi-nho vidrado, indo depois chamar a policia para esta provar da petisqueira e dizer se estava na conta de sal,

ao passo que um surdo, mais surdo de que o sr. barão visconde de Santo Ambrosio, ouvia gritos angus-tiosos muito mais distinctamente de que os ouvidores da camara ouvem a rhetorica bolorenta dos oradores parlamentares;

o parto simulado, o casamento simulado, mortos simulados a votarem na assembleia dos Recreios, roubos simulados na companhia dos caminhos de ferro... Tudo simulado, em summa, havendo apenas de verdadeiro o Principe que nos governa e o emprestimo feito á casa real, pela nação que vae vivendo de emprestimos, caso que tem a sua synthese n'aquella phrase do lago:



—*Mette dinheiro na bolsa!*

O Soriano foi durante muitos dias o enlevo das me-ninas que ainda adoram o romantismo de 1830 commu-lativamente com os versos do sr. Florencio Ferreira.

E como ellas, que o não conheciam, o phantasiaram em suas imaginações!

Uma, suppunha-lhe o buçosinho aloirado d'este

as orelhas invisiveis d'este

e a cintura de vespa d'este



Outra, imaginava-lhe o nariz accentuadamente aquilino d'esta



e a boquinha microscopica d'este.



Ainda outra, phantasiava-lhe a voz assucarada e as bochechas imberbes d'este



e os olhos semi-vellados d'este.



Mais outra, finalmente, idealisava-o com a cabelleira emaranhada d'este

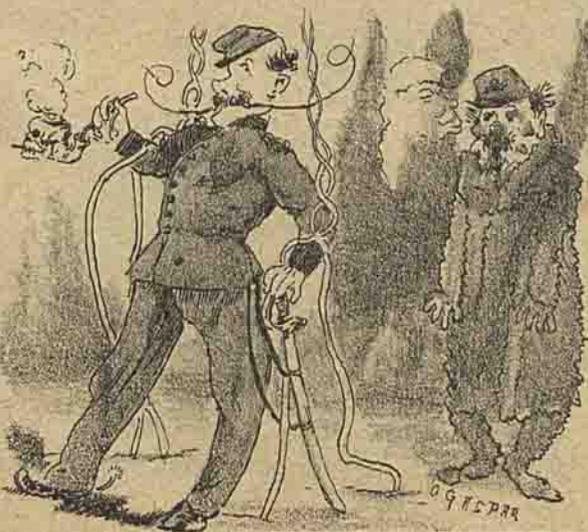


e a cara ponte-aguda d'este!



Afinal de contas, nenhuma d'ellas o ficou conhecendo, apesar do retrato publicado pelo *Jornal da Noite* em quinta feira de Endoenças, commemorando a paixão de Nosso Senhor Jesus Christo!

Pois fiquem sabendo que o verdadeiro retrato do Soriano é este:



A Maria Eugenia, que por mais de trez annos sup portou aquella enorme cruz do Soriano, fez por um momento reviver entre nós os bellos tempos de Magriço e outros que taes.



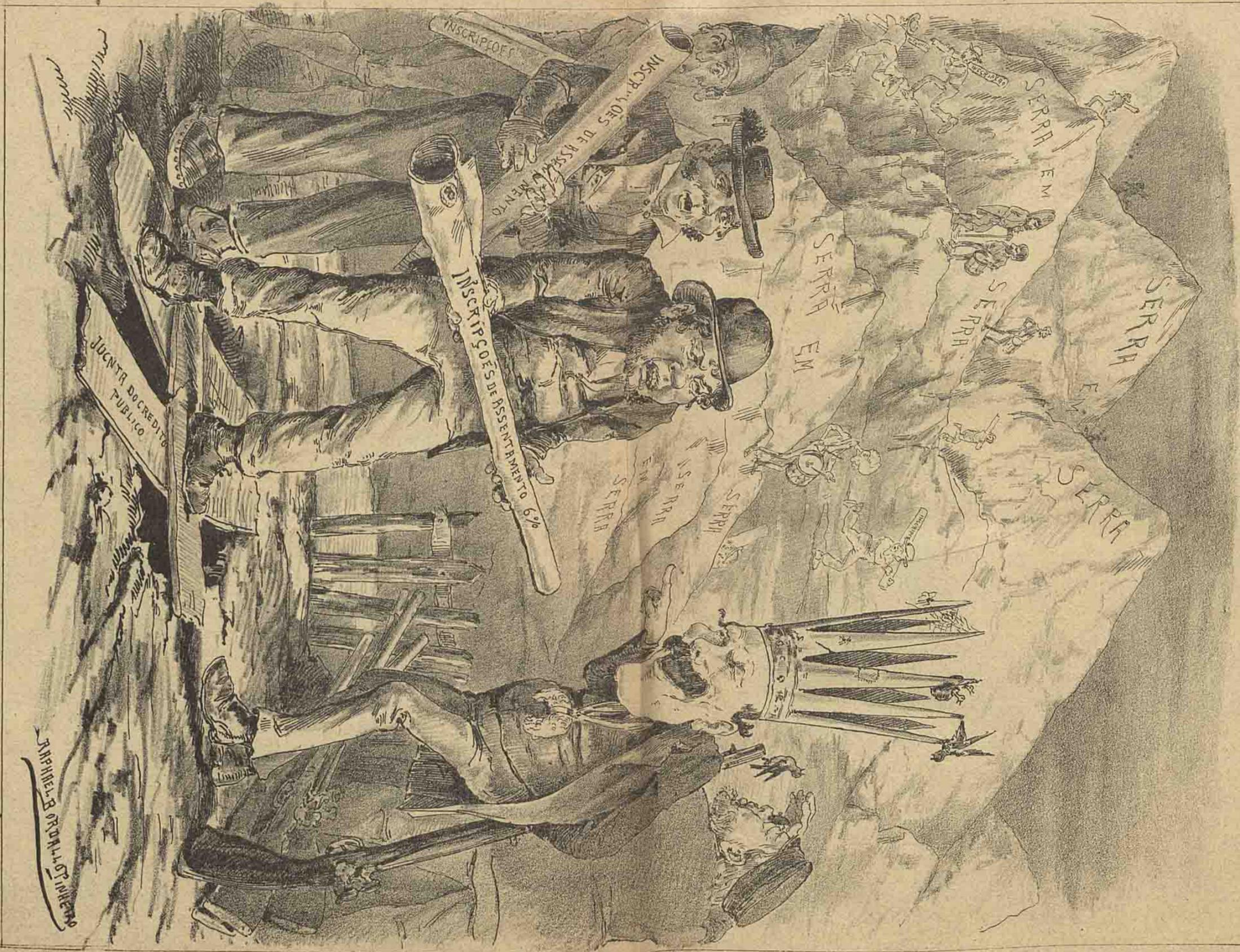
Os cavalleiros portuguezes saíram á estacada em bravo e gentil torneio, não chegando a beber-se o sangue aos meos quartilhos porque a politica, — que não vinha nada para o caso mas que em tudo mette o bedelho — se metteu de permeio a congraçal-os.





# O QUE O AGUENTA

(Corre a voz de serra em serra)



—Por causa d'isto e que eu não sou senhor de mim...  
—Olha o tolo! Troquei-te a pedreira pela inscrição  
e se das fogo... arde-te a espingarda... e lá se vai o teu  
remedio...

A mulher que comeu o nariz ao marido veio pôr em sobresalto os possuidores de bons narizes, ao passo que os menos favorecidos da fortuna, como estes,



pulavam de contentamento.

O sr. conselheiro Dias de Oliveira deu ordem á criada para guardar todos os cacos de garrafas partidas,



afim de transformar o nariz n'um muro de quintalorio,



e o sr. Rodrigo Pequito andou com a penca defendida por um semi-circulo de bicos, como os que se usam nas trazeiras dos coupés!



O Valentim do Martinho, quando foi casar a Tuy, entregou em Lisboa o nariz ao patrão, recommendando-



lhe muito instantemente que não lh'o mandasse pelo correio senão quando elle Valentim estivesse viuvo.



Agora, quando a mulher fôr julgada em audiencia.



O visconde do Rio Sado,  
Que é do processo o juiz,  
— Talento tão alentado  
Quanto alentado nariz,

Terá de mandar pôr uma capa de oleado sobre o *beque*, para fingir que é um soldado da guarda municipal que tem ali, senão a mulher chama-lhe um figo...



isto faz sua excellencia ;  
Quanto aos illustres jurados,  
Basta que vão p'ra a audiencia  
Co'os seus *beques* açaimados.



Já agora, ahí vae tambem o retrato da mulher que comeu a *batata* ao marido.



## A POLITICA

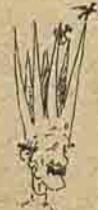


Em politica, uma embrulhada que ninguem se entende.

Quem lê os jornaes progressistas, fica sabendo que ninguem ouve na camara a palavra do sr. Fontes—*levantada e serena*, no dizer dos regeneradores.

Quem consulta as folhas do governo, vem no conhecimento de que ninguem escuta o rufo de rebate do sr. Braamcamp—*sereno e levantado*, na opinião dos progressistas.

D'ahi se conclue que cada partido só se ouve a si proprio, não surprehendendo portanto que isto chegasse ao lastimoso estado d'uma torre de Babel, onde ninguem se entende.



**Nota importante.**—O leitor provavelmente não reconheceu o *grande homem*. Pois foi o mesmo que nos aconteceu; com a tregoa que lhe demos, cresceram-lhe os bicos da corôa despropositadamente, e parece que a doença ainda está para peras...

## O GOVERNADOR CIVIL

Que era um tyranno, que era um despota, que era um dragão, que era um Peitowitz Carvalhoff, diziam por ahi!

Qual carapça! O que elle é, primeiro de que tudo, e um janota.



Bella calça de sacco, apolainada; bella luva de pellica branca de espuma; tudo bello!

Já em Leiria era aquillo que se está vendo; chamavam-lhe até o *janota de Leiria!*

— «Marido a esposa esconder pôde  
E eu sei porque!...  
Se por acaso o meu bigode  
Ao longe vê!»

cantarolava elle, a passeiar todo secio pelos *boulevards* de Leiria, em quanto as formosas da cidade, e mesmo algumas dos arrabaldes, que tinham vindo expressamente, o espreitavam aos ais! por entre os cortinados das janellas, devidamente prevenidas com *abat-jours* e palhinhas verdes adiante da vista, para que as não cegasse o clarão d'aquelles olhos inflammados!

Quando o governo o chamou a toda a pressa de Leiria a Lisboa, rogando-lhe de mãos postas que salvasse a pátria, e que regulasse as criadas de servir, o pesar femenino foi de tal ordem n'aquella cidade que a camara municipal

Mandou de novo empedrar  
Todas as ruas então,  
«Porque os olhos, de chorar,  
Fazeram covas no chão!»

Chegado á capital, s. ex.<sup>a</sup> não perdeu os seus habitos de *janota de Leiria* e é ainda aquella terra que manda fazer os seus sapatos de sola e vira, e engommar as suas camisas de colceirinhos de Bretanha.

S. ex.<sup>a</sup> manda as camisas a *Leiria* por não ter encontrado em Lisboa, nem mesmo entre as engommadeiras do Arco do Marquez de Alegrete, quem se entendesse com os seus punhos e os seus colceirinhos de *bocca de sino*.



Assim, o sr. Peito, tanto de pé, como de pernas para o ar, conserva sempre o aspecto d'um *bailhão*...

E, para puxar-lhe o lustro, só as engommadeiras de Leiria.

Por isso é que elle apresenta sempre

Uns peitinhos de camisas  
Que brilham, se se mencia,  
Qual do Tejo as agoas lisas,  
Ao passar das meigas brisas  
Por noites de lua cheia!

E por isso tambem que as damas

Ao vel-o assim tão perfeito  
Lhe dizem todas:— Ai filho!  
Não ha no mundo outro Peito  
Com tão benito peitinho!...

## O DADOR DA PARREIRINHA

PARA A MUSICA DAS TROVAS POPULARES  
«VIVA A BELLA CRIADAGEM»

A criada que é janota,  
Quando vae á missa só,  
Co'o seu *chales* de filó  
E casquete de palhinha,  
Bella saia de canudos,  
De duraque fina bota,  
Não parece mais janota  
Que o Dador da Parreirinha!

O caixeiro que ao domingo  
Vae p'ra a missa do Loreto,  
Co'o seu rico fato preto,  
E cabello em carapinha,  
Quando aos grupos de donzellas  
Lança terno os seus olhares,  
Nunca chega aos calcanhares,  
Do Dador da Parreirinha!

O janota de Estarreja  
Que, na volta dos Brasis,  
Passando um mez em Paris,  
Emfim regressa á *têrrinha*,  
Quando aos patricios se mostra  
Co'o seu fato de *gommoso*,  
Nem por sombra é mais formoso  
Que o Dador da Parreirinha!

Elle, ha muito que sabia  
Que, um aspecto e fatiota  
Mais garboso e mais janota,  
Com certeza ninguem tinha;  
Mas, p'ra tornar-se immortal,  
Da Lapa ao caes da Calhêta.  
Deu-lhe um dia na tineta  
Ser Dador da Parreirinha!

Mettido em seu gabinete,  
Co'os pés na ceira de esparto,  
Qual Dador D. Pedro IV,  
Assentou-se á escrevaninha;  
Legislou durante o dia,  
Dizendo á noite, á *socêga*:  
— De D. Pedro eis-me collega!  
Sou Dador... da Parreirinha!

Em breve, segundo consta,  
Irá fazer-se um rateio,  
Desde as criadas do *meio*  
A's sopeiras da cosinha,  
Cujo producto se empregue,  
Se a lei passar em S. Bento,  
Levantando um monumento  
Ao Dador da Parreirinha!

Em breve todos veremos,  
Sobre um *segundo bobèche*,  
Co'o bom loiro de escabeche  
Em c'roa na molleirinha,  
Erguer-se a tocar o sol,  
Com quem vae manter palestra,  
De caçarola na dextra,  
O Dador da Parreirinha!...



